

**DIFERENTES TEORIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ARTE NA
CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

DIFFERENT THEORIES AND PEDAGOGICAL PRACTICES OF ART
APPLIED TO THE CONSTRUCTION OF CITIZENSHIP

Diego Schmitz
Paula Lima Pacheco
Rosemar Gomes Lemos

Vol. XI | n°22 | 2014 | ISSN 2316 8412



DIFERENTES TEORIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ARTE NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Diego Schmitz¹
Paula Lima Pacheco²
Rosemar Gomes Lemos³

Resumo: O presente trabalho trata de uma experiência realizada através de oficinas didático-pedagógicas em duas Instituições Públicas, sendo uma de ensino e outra assistencial, especificamente uma escola municipal de ensino fundamental e uma Casa Lar para Menores. A investigação realizada foi do tipo pesquisa-ação. Os autores levando em consideração o pensamento de teóricos da área de educação verificaram e analisaram os diferentes comportamentos observados no processo de ensino-aprendizagem nas duas instituições a partir do público-alvo envolvido. Os graduandos tiveram por referência alguns teóricos abordados, especialmente, nas disciplinas de Pedagogia e Arte-educação, do Curso de Artes Visuais Licenciatura.

Palavras chaves: Comportamentos, Ensino da Arte, Meio Ambiente, Arte-educação.

Abstract: This paper deals with an experiment carried out through didactic and educational workshops in two public institutions, one of education and other assistencialist, specifically a municipal elementary school and a House for Children. The investigation type was the action-research type. The authors considering the thought of the theoretical area of education, verified and analyzed the different behaviors observed in the teaching-learning process in two institutions from the audience involved. The theoretical reference for graduate had addressed, especially in the disciplines of Education and Arts Education, the School of Visual Arts Degree.

Keywords: Behaviors, Art teaching, Environment, Education-Art.

INTRODUÇÃO

A ideia da realização desta investigação surgiu após a aplicação de oficinas de arte-educação ministradas em dois ambientes, compostos por crianças de diferentes realidades, cujo objetivo principal era oportunizar aos alunos debates sobre contribuição indígena e africana na cultura brasileira, além do tema relacionado à questão ambiental, mediante a utilização de recursos didáticos diversos, entre eles, os materiais recicláveis na confecção de brinquedos e utensílios de utilidade doméstica.

As oficinas foram elaboradas por alunos universitários pertencentes ao Grupo de Pesquisa e Extensão Universitária da Universidade Federal de Pelotas, denominado D.E.A. – Design, Escola e Arte. As mesmas constam de duas etapas, na primeira são apresentados filmes, seguidos de debates pertinentes aos

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil; Graduando, Artes Visuais Licenciatura.

² Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil; Graduanda, Artes Visuais Licenciatura.

³ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil; Professora Adjunta, Curso de Pós-graduação Lato Sensu – Especialização em Ensino e Percursos Poéticos.

temas referidos no parágrafo anterior, para a segunda, atividades didático-pedagógicas são definidas conforme o tema proposto (tema este escolhido pela coordenação da Instituição onde as oficinas ocorrem).

Um dos locais atendidos localiza-se na zona norte de Pelotas – RS, uma escola pública de ensino fundamental, pertencente à rede estadual de educação e o outro, constitui-se como um dos lares para menores (apoiado pelo Ministério Público de Pelotas e coordenado pela Prefeitura Municipal de Pelotas), local onde estão abrigadas crianças em vulnerabilidade social.

Com a aplicação das oficinas foi possível constatar reações comportamentais diversas, sendo estes resultados submetidos às teorias de autores conceituados e a textos congruentes ao âmbito acadêmico, determinando-se assim, o registro das avaliações efetuadas neste trabalho científico.

METODOLOGIA

A ação pesquisada tem origem na realização de um subprojeto de extensão universitária denominado “Diversão com pipoca: viajando pelo mundo e construindo histórias”, pertencente a um grupo interdisciplinar composto por acadêmicos de diversos cursos da UFPEL, que buscam conciliar conhecimentos distintos para resultados mais amplos e perspicazes em prol das problemáticas sociais o D.E.A. Grupo de Extensão e Pesquisa Design, Escola e Arte “Construindo Conhecimento e Fazendo Arte”, cadastrado na Pró-reitoria de Extensão Universitária da Universidade Federal de Pelotas e coordenado pela Professora Doutora Rosemar Gomes Lemos. Tal projeto tem por objetivo conscientizar e proporcionar às crianças (pertencentes às instituições públicas de Pelotas) uma reflexão sobre diversas problemáticas envolvendo, o indígena, o meio ambiente, a lei 10.639/03 e reflexões sobre temas da atualidade que se inserem no âmago das periferias através de filmes e oficinas práticas de Artes, fazendo uso de materiais didáticos (vídeos, jogos e livros) do projeto “A Cor da Cultura”, além de outros produzidos pelo próprio grupo de extensão e pesquisa.

O grupo Design, Escola e Arte elaborou um subprojeto chamado “Diversão com pipoca: viajando pelo mundo e construindo histórias” (ainda em andamento) a partir de junho de 2013. O trabalho consiste na apresentação de filmes tratando de temas que levistem a discussão sobre a preservação do meio ambiente em conexão com as contribuições indígenas e africanas à cultura brasileira (cumprimento da lei 11.645). Essa atividade está sendo complementada com outros encontros onde são desenvolvidas aulas que aliam prática de Arte, reciclagem de materiais e conscientização étnico-racial. O sub-projeto tem como ponto de partida a abordagem de filmes referentes aos três temas já citados. Outras questões vitais à formação integral do aluno, relacionadas à autoconfiança, *bullying* e preconceitos diversos são inseridos na medida em que se fazem oportunas ou requeridas pelas escolas.

A ideia de uma oficina de cinema foi pensada pelo Grupo de Extensão e Pesquisa Design, Escola e Arte (DEA), grupo interdisciplinar composto por acadêmicos de diversas áreas da UFPEL que buscam

conciliar conhecimentos distintos para resultados mais amplos e perspicazes, de modo a trabalhar com os alunos, de forma lúdica, os temas anteriormente referidos, visando à construção do conhecimento, o desenvolvimento do pensamento crítico e sensibilidade nos diversos níveis de ensino: séries iniciais, finais do nível fundamental, ensino médio e EJA.

Sendo o cinema uma linguagem complexa que capta e retrata pensamentos, atitudes, características e a cultura das populações em âmbito geral, a sua utilização de forma construtiva, na sala de aula, enquanto sétima arte é inquestionável. Além disso, para que o compartilhamento do conhecimento seja ainda mais perspicaz, a inserção de outras atividades artísticas, além da cinematográfica, foi realizada.

O grupo Design, Escola e Arte, tendo conhecimento de diversas técnicas de produção de brinquedos a partir de materiais recicláveis para compartilhar com os alunos (FIGURA 01), inicialmente, fez uso da Arte pelo viés dos filmes e, após, através da confecção de objetos artesanais (brinquedos, elementos decorativos, utilidades domésticas, entre outros) relacionados aos temas preestabelecidos (FIGURA 02).

Tal metodologia foi aplicada buscando produzir maior entrosamento entre os universitários e os alunos, além de construir conhecimentos em prol de ações que favoreçam a comunidade pelotense em termos de preservação do meio-ambiente. Além disso, sabe-se que a construção de histórias parte do percurso de cada um de nós, no mundo, de uma viagem até nossas sensações. Tem-se em mente que trabalhar com a sensibilidade é o que move o educador (além da esperança no aluno e na educação) na busca de bons resultados. Com isso, o projeto “Diversão com pipoca: Viajando pelo mundo e construindo histórias” foi elaborado, na busca de ampliar a visão de mundo dos alunos motivado pela construção (em conjunto, com a comunidade) da cidadania responsável. Acredita-se que o destino das pessoas depende muitas vezes de atitudes como, por exemplo, estas, em que foram colocadas em prática, ações com a finalidade de auxiliar aos estudantes na edificação de suas histórias.

Ao colocar o projeto em prática, em um primeiro momento, constataram-se comportamentos diferenciados na recepção da proposta. Para que se pudesse compreender o porquê destes comportamentos, ampliando nossa percepção do ponto de vista pedagógico, a respeito do trabalho desenvolvido, investigaram-se suas causas. Inicialmente, foram buscados conceitos que explicassem o fenômeno e posteriormente, analisou-se o fato a partir das referências bibliográficas fornecidas pelos professores das disciplinas pedagógicas do Curso de Artes Visuais - Licenciatura e no material didático fornecido pelo Curso de Formação para professores, realizado pelos graduandos – a Cor da Cultura.



Figura 01: Alunos do grupo DEA confeccionando brinquedos de material reciclável durante período de capacitação.



Figura 02: Alunos da Escola e Grupo DEA construindo um bicicletário utilizando pneus usados.

A princípio, o desafio do grupo era realizar uma Oficina de Cinema para alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental e também para o ensino de jovens e adultos, o EJA. O cinema, neste caso, seria um meio, uma espécie de instrumento para se inserir o que realmente importava para o grupo naquele momento, de colocar em discussão um tema importante na atualidade: a preservação do meio em que se vive, através da conscientização e conhecimento deste e dos conceitos de sustentabilidade, termo usado

para definir ações e atividades humanas que visam suprir as necessidades atuais dos seres humanos, sem comprometer o futuro das próximas gerações. A sustentabilidade está diretamente relacionada ao desenvolvimento econômico e material sem a agressão do meio ambiente, utilizando os recursos naturais de forma inteligente a fim de que os mesmos se mantenham no futuro.

Entre os meses de junho e julho de 2013 os graduandos do grupo DEA frequentaram o curso de preparação (elaborado e desenvolvido pela coordenação do mesmo) para desenvolver, com competência, atividades didático-pedagógicas com a comunidade. Entre os cursos realizados podem ser citados: oficina para escrever textos didáticos e artigos científicos; oficinas de criação de objetos com materiais reciclados, além de pesquisas sobre didática de ensino. A seguir, os alunos participaram do curso de formação, promovido pela Secretaria De Políticas De Promoção Da Igualdade Racial (SEPPIR) e Ministério da Educação - A Cor da Cultura.

Aliou-se ao projeto de pesquisa um subprojeto desenvolvido pelo DEA, no caso, o Projeto VIDA (Valorização de Ideias e Desenvolvimento Autossustentável), que leva para os alunos das escolas e demais instituições públicas diversas propostas e discussões sobre os problemas ambientais, tendo como foco a sustentabilidade; outro ponto assiduamente interligado aos interesses de ambos os projetos. Com essa parceria, foram definidos materiais didáticos elaborados, além da preparação dos universitários que ministrariam as oficinas por eles elaboradas.

A segunda etapa do trabalho foi a definição dos filmes para a constituição de um portfólio elaborado pelo grupo DEA. A seguir, partiu-se para a apresentação do mesmo pela coordenação do grupo DEA às direções e coordenações de entidades públicas da periferia de Pelotas e foram definidos os locais onde o subprojeto seria desenvolvido – Guarda Mirim Municipal, Casas Lares sob Administração do Município e uma escola pública de ensino fundamental localizada na zona norte da cidade de Pelotas-RS. Outras escolas mostraram interesse na sua inserção no projeto, porém considerando-se o número de pessoas de que o grupo DEA dispunha, não foi possível atendê-las.

No que se refere à escolha do tema a abordar em cada local, cada direção definia o tema mais apropriado a ser tratado. A diretora da Escola localizada na zona norte solicitou que as atividades fossem focadas na educação ambiental e na sustentabilidade. A seguir, a escolha das turmas foi feita por ela, sendo que, segundo a mesma, eram os alunos que mais necessitavam dessa conscientização.

Já, nas Casas Lares, a gerente solicitou aos universitários do grupo DEA para que fossem a cada uma das casas onde as crianças e adolescentes vivem ao invés de reuni-los num só local. Segundo a gerente, as crianças estavam muito dispersas, brigando entre si e este procedimento, então, era julgado por ela o mais adequado. Além disso, a gerente apresentou aos graduandos a realidade de cada casa lar, caracterizando, desta forma, o público-alvo da intervenção e os problemas sociais enfrentados por cada grupo pedindo, por fim, para que o grupo DEA, então, definisse que filmes deveriam ser apresentados e

explorados. O grupo decidiu começar pelo Abrigo Casa dos Meninos I, com crianças com idade entre 7 e 12 anos para que assistissem primeiramente aos Livros Animados da coleção da A Cor da cultura (A COR DA CULTURA, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo-se para a execução do subprojeto, começa-se por descrever a experiência ocorrida na Escola localizada na zona norte de Pelotas. Para os sextos e sétimos anos, alunos com idades de aproximadamente 10 a 15 anos, foi escolhido o filme Wall-E que fala sobre meio ambiente e sustentabilidade. Para as outras turmas de quintos e sextos anos, alunos com idade entre 8 e 13 anos, trabalhou-se com o filme Dom Quixote Reciclado. E, ainda na mesma escola, para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi apresentado o documentário: Ilha das Flores e o filme Dom Quixote Reciclado.

Nesta escola o grupo DEA esteve por dois dias. Primeiramente, duas turmas de sextos anos e uma turma de sétimo ano, assistiram aos filmes. Foram necessários cinco oficinairos de cursos distintos da UFPEL (Artes Visuais Licenciatura, Design Digital, Geoprocessamento e Ciências Sociais) para que a oficina acontecesse como havia sido planejada, ou seja, com a sessão de cinema seguida de discussão no final do filme.

No dia seguinte, novamente, cinco oficinairos do DEA apresentaram o filme para duas turmas de quintos anos e duas de sexto. Como no dia anterior, ao final do filme, aconteceu outra discussão pertinente ao tema ambiental. Ainda, à noite, foi apresentado o filme para o EJA. Foram mais de quarenta alunos, sendo que, ao final, foi realizado um debate sobre o assunto abordado no filme. Apesar do empenho do grupo, o resultado não foi o esperado.

Segundo a narrativa dos oficinairos, despertar à atenção dos alunos para as tarefas a realizar foi difícil. A atenção deles era de fácil dispersão, tanto durante quanto posteriormente a exibição do filme escolhido. Durante a execução dos questionamentos elaborados e realizados pelos oficinairos após a exibição do filme, apesar do resultado ter sido aquém do que era esperado, conseguiu-se a cooperação de alguns alunos, especificamente, aqueles mais atenciosos e dedicados. Desta forma, ocorreu um diálogo mais fluido sobre questões relacionadas à sustentabilidade e, apesar da aparente falta de interesse dos alunos em aprofundar o assunto, houve um debate interessante com aqueles que estavam em sintonia com a proposta apresentada.

A dificuldade maior residiu no fato dos alunos não exporem suas opiniões. Os oficinairos tentaram alertar para o fato de o quanto o tema em discussão afeta, de forma recorrente, os seus cotidianos, porém, a grande maioria permaneceu calada.

No decorrer da oficina, a preservação do meio ambiente foi discutida. Assim, osicineiros exemplificaram: quando a chuva cai na cidade, alagando tudo devido ao excesso de lixo entulhado dentro dos bueiros. Ao ser mencionado este exemplo, os alunos, embora não se manifestando sobre o assunto, passaram prestar atenção na discussão.

Após a realização da atividade na Escola, procurou-se relacionar os resultados de sua implementação às teorias estudadas no curso de Artes Visuais Licenciatura/UFPel, a fim de explicar pedagogicamente o comportamento verificado na escola. Paulo Freire, no livro “Pedagogia da Autonomia” (1996), salienta que o professor, certo de suas incertezas, ensina, na maioria das vezes, o que é certo para ele, levando em conta o rigor da formalidade escolar. Este motivo pode estar associado ao distanciamento entre o mundo contemporâneo e a escola arcaica. Desse modo, tal pensamento pode explicar o fenômeno observado. Em outras palavras, a experiência realizada, que fugia ao processo de ensino-aprendizagem formal, habitualmente desenvolvido nas escolas públicas, pode ter causado estranhamento aos alunos.

Dessa forma, percebe-se a necessidade da escola ter profissionais comprometidos, que não sejam somente máquinas passando conteúdos pré-estabelecidos, mas sim, que ao mesmo tempo, além desse trabalho “maquinal” possam ter um olhar de afeto, mesmo que isso não seja a função, a sociedade tem em si carências abertas a soluções, se não soluções, ao menos tentativas que possam abrir caminho para soluções.

Ao analisar e comparar a realização desta atividade na Escola e na Casa Lar, pode-se perceber que na fase onde se efetivaram os questionamentos, foi verificado outro tipo de comportamento a partir do debate proposto, outras sensações e, principalmente, uma nova forma de aprendizado. Os meninos, sem muito se expressarem, somente escutavam. Pode-se afirmar que foi dada uma aula do tipo oral expositiva, não se estabelecendo um debate como se pretendia.

Eles ficaram agitados com o aparelho de som que estava acoplado ao aparelho de vídeo e percebia-se que estavam com mais vontade de ouvir música, do que propriamente ver o filme. Suas expressões gestuais e orais não deram o retorno que osicineiros do grupo DEA queria, mas sim, o que de fato queriam de cada um, ou seja, um pouco de atenção, um colo para dormirem, um rosto para tocarem.

Umicineiro que estava dando atenção para um menino tido como peralta ganhou alguém para quem abraçar. Este menino ainda, durante as histórias, falava sobre música, queria saber se tínhamos algum som “maneiro”. Em dado momento, ele se virou para oicineiro; estavam sentados em uma cama, e sem mais palavras, o menino se recostou em um dos membros do DEA, ao tentar tirar o braço para que ele pudesse se ajeitar melhor, teve-o segurado e dirigido pelo menino a si mesmo, para que lhe desse um abraço e, sem esperar pelo ocorrido, oicineiro ficou sem reação.

Partindo para a análise destes fatos, verifica-se que oicineiro não considerava a possibilidade de ocorrer uma relação mais estreita com seu público-alvo. Em compensação, as crianças contempladas

acreditaram ter junto de si não professores, mas novos amigos. Assim, apoiando-se nos livros da coleção “A Cor da Cultura”, encontrou-se justificativa para os comportamentos observados, além da preocupação que o professor deve apresentar frente a sua atuação profissional:

O entendimento sobre o desenvolvimento e a construção da autoestima, do autoconceito e da identidade nos leva a crer que a despreocupação com a convivência multiétnica, quer na família, quer na escola, concorre para a construção de indivíduos preconceituosos e discriminadores. O não-questionamento dessa questão pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizarem aprendizagens baseadas, muitas vezes, no comportamento acrítico dos adultos à sua volta (CADERNO 1, A COR DA CULTURA, p. 88).

Com as ações extensionistas do grupo DEA, planejadas e realizadas de forma comprometida com a sociedade, tentou-se mostrar, principalmente, para essas crianças, que no mundo existiam pessoas preocupadas com elas. Verificou-se, por parte dos oficinairos, a tentativa de dar exemplo, de nortear futuros, de promover uma boa ação.

Prosseguindo a oficina, os meninos foram levados ao pátio do Instituto para realização de atividades físicas sugeridas pela coleção A Cor da Cultura (2014). Foram realizadas atividades que estimulassem a percepção da identidade de cada um, promovendo o auto reconhecimento físico e outras, que tinham por objetivo estreitar as relações sociais. Quanto o auto reconhecimento físico, sabe-se que:

não basta ter um corpo, é necessário senti-lo, amá-lo, cuidá-lo respeitosamente, conhecê-lo, vivê-lo na totalidade, para que possamos, na relação com o outro, assumir com autoria o que somos, sentimos, desejamos, pensamos, fazemos com nosso corpo, nossa vida, nossa história (FREIRE *apud* A COR DA CULTURA, 2006, p. 103).

No que se refere à última experiência é importante reportar-se também a João Francisco Duarte Junior, em sua obra "A Montanha e o Videogame" (2010), no momento em que ele afirma que há três dimensões na educação estética quando realizada por meio das artes: a experiência, a autoexpressão e a reflexão. A única verdadeiramente imprescindível é a experiência.

Nos dois eventos mediados pela Arte, percebeu-se que a sensibilização das crianças foi conseguida, e a Arte auxiliou, através dos atos expressivos contidos na expressão do cinema, através do filme apresentado a eles. Percebeu-se que esta forma de abordagem foi crucial para que os sentidos humanos aflorassem por via da experiência possibilitada.

Em síntese, pode-se afirmar que os resultados foram além do esperado. Pois, o que deflagrou o encontro de diferentes grupos sociais de forma positiva não foi, desta vez, o fazer artístico em si, mas sim a

necessidade experienciada pelo grupo de alunos universitários de educar o corpo para sentir a Arte, para ver as diferenças de si e dos outros, por via da sensibilização dos sentidos. Este procedimento é efetivado através do que Duarte Júnior (1983) chama de Educação Estética, a educação da sensibilidade.

Depois de desenvolvida a atividade com aquelas crianças, narram os integrantes do grupo DEA, que partiram "com o coração na mão", pois as crianças, muito felizes e entusiasmadas pediram para que os oficinairos voltassem. Estes narram que, neste momento, julgaram-se o centro das atenções e, que aqueles meninos demonstravam necessitar da sua ajuda. Logo, uma passagem do livro *Modos de Ver* possibilitou o diálogo com o momento: "*Cada pessoa constrói o seu modo próprio de ser, viver, conviver, isto é, a sua identidade*" (CADERNO 3, A COR DA CULTURA, 2006, p. 85). Ao colocar sentido nos objetos, nos acontecimentos, nas relações entre as pessoas, entre elas e a natureza, os alunos puderam perceber a necessidade daqueles jovens para terem relações engrandecedoras a fim de que pudessem crescer enquanto cidadãos.

Desta forma, as reflexões geradas após o fenômeno aqui descrito confirmam a teoria de Rubem Alves, no seu livro "*Conversas com quem gosta de ensinar*" (1980), onde ele disserta sobre a repetição. Ele diz que repetir, e saber o que se repete, culmina no saber para o novo, e com isso, dá a ele, ao aluno, a opção de viver levando à frente não o mundo previsto por que foi o que a vida lhe deu, mas sim, o mundo que ele transformará segundo sua essência.

CONCLUSÕES

Através dos resultados obtidos na realização da pesquisa-ação verificou-se o quanto é importante aliar-se as teorias abordadas na academia à prática docente diária.

Foi possível verificar que a experiência foi muito importante e gratificante para as trajetórias acadêmicas dos envolvidos devendo ser repetida em 2014. Os acadêmicos de Artes Visuais-Licenciatura/UFPel acabaram por revalorizar a teoria aprendida em sala de aula, visto que seus sentimentos, foram ao encontro da teoria. Verificaram-se os sentimentos abordados na disciplina de Educação Estética, que discorrem sobre a necessidade de humanizar a educação e de sensibilizar através da pele, pois, a arte carrega um tipo de conhecimento que se dá no corpo, que para o saber sensível, a estesia (DUARTE JR., 2001).

A experiência realizada demonstrou a necessidade de conhecer-se profundamente o público-alvo para que uma proposta de arte-educação seja bem sucedida. Além disso, percebeu-se que a prévia formação dos acadêmicos possibilitou o poder de educar com competência, responsabilidade e tranquilidade, mesmo no surgimento do imprevisto. E assim, a obra anteriormente citada, de Rubem Alves, a partir de uma

experiência prática, adquiriu outro sentido. Suas ideias adquiriram uma cor de poesia, que teve mais “sabor”, demonstrando que o amor pela educação, pelo ensinar, do qual o autor escrevia, era real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A COR DA CULTURA. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br>>. Acesso em 20/10/2013.
- A COR DA CULTURA. Modos de Ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho: *Saberes e Fazeres*, v. 1, p. 88-103, 2006.
- A COR DA CULTURA. Modos de Sentir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho: *Saberes e Fazeres*, v. 2, 2006.
- A COR DA CULTURA. Modo de Interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho: *Saberes e Fazeres*, v. 3, 2006.
- ILHA DAS FLORES, A. Direção: Jorge Furtado. Brasil: Casa de Cinema de Porto Alegre, 13min., 1989.
- ALVES, R. *Conversas Com Quem Gosta De Ensinar*. São Paulo: Cortez, 1984.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. *Por que Arte-Educação?* Campinas: Papirus, 1983.
- ESCOLA INTERATIVA. *Arte em Estudo*. Disponível em: <<http://goo.gl/6FKujA>>. Acesso em 10/10/2013.
- FREIRE, M. Sinais do Corpo. *Diálogos Corporificados*, n. 7, ano 3, jul. 2000. Disponível em: <<http://www.pedagogico.com.br/info7a3.html>>. Acesso em 10/10/2013.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997b.
- QUIXOTE RECICLADO. Roteiro: Philippe Henry. Disponível em: <<http://youtu.be/DCvOockZlrl>>. Acesso em 11/10/2013.
- WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Produção: Jim Morris. EUA: Disney, 98 min., 2008.

Recebido em:09/07/2014
Aprovado em:01/09/2014
Publicado em:03/10/2014